

Subjetividade no processo de subordinação substantiva: a expressão da evidencialidade¹

(Subjectivity in the subordination process: the expression of evidentiality)

Ana Carolina Sperança¹

¹Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa - Universidade Estadual Paulista
(UNESP – Araraquara)

carolinasperanca@gmail.com

Abstract: In this paper, we intend to reflect on the subordination process based on a functionalist-cognitive approach. For this, we analyze syntactic constructions in which the main clause predicator is a speech act verb, a mental activity verb or a perception verb. One of the pragmatic functions of these constructions is to express evidentiality, which is basically the indication of the information source contained in a sentence. Evidentiality allows the Speaker to manage information in order to preserve his/her face and also allows the Addresser to assess the reliability of this information. We take the evidentiality expression as a functionality of the subordination process in order to rethink the teaching of syntax as a tool for an effective development of students' communicative abilities.

Keywords: syntax; functionalist-cognitive approach; subordination; evidentiality; conceptual integration.

Resumo: Neste trabalho, busca-se refletir sobre o processo de subordinação substantiva sob uma perspectiva funcionalista-cognitivista. Foram observadas construções sintáticas cujo predicador da oração principal é um verbo *dicendi*, um verbo de atividade mental ou um verbo de percepção. Uma das funções pragmáticas a que servem essas construções é a expressão da evidencialidade, que corresponde basicamente à indicação da origem da informação contida no enunciado. Esse recurso possibilita ao Falante gerenciar a informação de maneira a preservar sua face e, ao Ouvinte, permite a avaliação da confiabilidade dessa informação. Considerando-se a expressão da evidencialidade uma funcionalidade do processo de subordinação substantiva, tem-se por objetivo repensar o ensino da sintaxe como uma ferramenta no desenvolvimento efetivo das habilidades comunicativas dos alunos.

Palavras-chave: sintaxe; abordagem funcionalista-cognitivista; subordinação; evidencialidade; integração conceptual.

Considerações iniciais

Tradicionalmente, falar de “orações subordinadas” significa, primeiramente, estabelecer uma dicotomia com as “orações coordenadas”, em que o critério de distinção é a dependência ou independência sintática entre as orações do período, dito composto. No entanto, um primeiro questionamento se coloca: qual a relevância, em termos de competência linguística, ensino e aprendizagem, de se observar apenas características formais da organização sintática como caracterizadora dessas construções?

Ainda que se considerasse unicamente o nível sintático, pensando no ensino² da língua portuguesa, por exemplo, acredita-se que seria mais fácil ao aluno comparar o período

¹ Este trabalho é parte da minha pesquisa de Doutorado, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu.

² Considera-se o ensino do tópico em questão já nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries) e nas três séries do Ensino Médio.

simples com o período composto por subordinação, visto que este nada mais é que o primeiro com alguns termos desenvolvidos em orações – daí alguns autores considerá-lo uma oração complexa (ABREU, 2003; BECHARA, 2009), e não propriamente um período composto. O período composto por coordenação, por sua vez, talvez fosse mais bem compreendido se comparado ao chamado período composto por subordinação adverbial, trabalhando-se a existência de um *continuum* entre as diversas formas de organização sintática dos enunciados e negando-se a divisão e categorização rígida propostas pela gramática tradicional. Tais considerações, contudo, superficiais por fugirem aos objetivos deste texto, visam somente a mostrar que a abordagem sintática do período composto nas gramáticas tradicionais também apresenta limitações no que diz respeito unicamente a esse nível de organização.

Em se tratando especificamente do processo de subordinação substantiva, após analisar o tratamento dado a essas orações em alguns manuais de gramática (CEGALLA, 1988; ROCHA LIMA, 2000; CIPRO NETO e INFANTE, 2004; CUNHA e CINTRA, 2007; BECHARA, 2009³), verificou-se que todos os autores não ultrapassam o nível sintático ao caracterizá-las. Segundo eles, são orações equivalentes a um substantivo, e sua classificação se dá de acordo com a função sintática que desempenham em relação à oração principal: *sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto* ou *agente da passiva* (nem todos os autores consideram essa última função). Podem ser desenvolvidas, quando introduzidas pelas conjunções integrantes *que* ou *se*, ou reduzidas de infinitivo.

No que concerne à oração principal (OP), alguns autores apresentam suas características frequentes em relação aos seguintes tipos de oração subordinada:

- a. Nas subjetivas, a OP geralmente apresenta verbos como *convir, cumprir, importar, ocorrer, constar* (CIPRO NETO e INFANTE, 2004), *parecer, urgir, acontecer, doer* (BECHARA, 2009); *ocorrer, suceder, agradar, espantar, pungir, aprazer* (ROCHA LIMA, 2000). Também, são comuns as construções com voz passiva como *é sabido, foi anunciado, ficou provado, sabe-se, diz-se, consta-se* (ROCHA LIMA, 2000; CIPRO NETO e INFANTE, 2004) e verbo *ser* + *predicativo* (substantivo ou adjetivo), como *é bom, é claro, está certo, é verdade* (CIPRO NETO e INFANTE, 2004);
- b. As orações predicativas, por sua vez, complementam o verbo *ser* (BECHARA, 2009).

Essas observações, como se pode perceber, dizem respeito às características formais dessas construções sintáticas. Rocha Lima (2000), ao elencar os verbos recorrentes na oração principal cujo complemento é uma oração subordinada substantiva subjetiva, divide-os entre (1) verbos de conveniência (*convém, cumpre, importa, releva, urge*, etc.), (2) verbos de dúvida (*consta, corre, parece*, etc.), (3) verbos de ocorrência (*acontece, ocorre, sucede*, etc.) e (4) verbos de efeito moral (*agrada, apraz, dói, espanta, pune, satisfaz*, etc.). Tal classificação, embora remeta ao nível semântico, tem por objetivo apenas caracterizar a natureza dos verbos mais frequentes em orações principais complementadas por subordinadas subjetivas. Nada além disso é discutido pelo autor.

Limitar-se ao nível sintático (ou melhor, aos aspectos formais) na observação do funcionamento linguístico é restringir as possibilidades de exploração da língua, tanto

³ Essas obras foram escolhidas por estarem entre as mais consultadas por professores de Língua Portuguesa, de acordo com Sperança (2007).

em termos de pesquisa quanto de ensino, por desconsiderar fatores pragmáticos presentes na sintaxe do enunciado e recuperados somente a partir de uma visão mais ampla do processo comunicativo. Todo enunciado, proferido em uma determinada situação de comunicação, assume uma funcionalidade a serviço do falante que o faz, muitas vezes até inconscientemente,⁴ optar por uma construção e não outra.

Em vez do ensino das orações subordinadas tal como proposto nos manuais de gramática – que considera apenas os aspectos inerentes à sistematicidade da língua – pretende-se mostrar, a partir do estudo das orações subordinadas substantivas cujo predicador da OP é um verbo *dicendi*, um verbo de atividade mental ou um verbo de percepção,⁵ que a sintaxe codifica aspectos subjetivos da interação Falante – Ouvinte como, por exemplo, a expressão da evidencialidade. Com base no processo cognitivo de Integração Conceptual (proposto por FAUCONNIER e TURNER, 2002), pode-se dizer que a sintaxe reflete a própria percepção de mundo do Falante que seleciona e integra, em seus enunciados, o que a seu ver é pertinente em cada situação comunicativa. Em outras palavras, tanto aspectos pragmáticos como aspectos de ordem cognitiva participam da organização dos elementos da língua. É preciso que o professor, ao trabalhar a sintaxe do período composto, explore esses aspectos fazendo com que o aluno reflita sobre a relação da sintaxe com a interação entre Falante e Ouvinte.

O processo cognitivo de Integração Conceptual

Em nosso dia a dia, usamos frequentemente palavras e expressões empregadas em sentido não literal. Um exemplo comum seria o comentário “*Ela defende os filhos com unhas e dentes. É uma leoa*”, em referência a uma mãe que faz qualquer coisa para impedir uma injustiça em relação aos filhos. Longe de ser apenas um recurso linguístico de natureza metafórica, o que se percebe nesse exemplo é a integração de conceitos relacionados às características de um animal às características de um ser humano, respectivamente uma leoa e uma mulher/mãe.

Proposto por Fauconnier e Turner (2002), o processo de Integração Conceptual (IC) é um fenômeno mais geral da cognição humana, não apenas presente no que se relaciona à expressão verbal. Manifestações artísticas, comportamentos e rituais também revelam a atuação desse processo (as alianças dos noivos, objetos que constituem parte de um ritual, integram o compromisso que ambos assumem no matrimônio). Segundo os autores, à medida que interagimos, espaços mentais (constructos conceptuais) são ativados em nossa memória, retomando aspectos do contexto, do nosso conhecimento de mundo e da nossa cultura que são relevantes para cada situação de interação. O processo de IC envolve no mínimo quatro “espaços mentais”: dois ou mais “espaços *input*”, um “espaço genérico” em que se integram, ou se mesclam, as informações desses *inputs*, e o espaço resultante dessa integração: o “espaço *blend*”. Retomando o exemplo “*Ela defende os filhos com unhas e*

⁴ Na verdade, o que ocorre é uma falsa sensação de “inconsciência”, justificada pelos processamentos cognitivos que ocorrem naturalmente na codificação e decodificação dos enunciados (uso da língua).

⁵ As ocorrências das construções com oração subordinada substantiva predicada por verbos *dicendi* foram observadas em dois tipos textuais: a **narração** e a **argumentação**. No que diz respeito ao tipo **narração**, consideraram-se textos de reportagem dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, e também o romance *Dom Casmurro* (Machado de Assis); em relação ao tipo **argumentação**, textos de opinião desses mesmos jornais e artigos científicos de revistas disponíveis na internet.

dentés. É uma leoa”, pode-se ilustrar esse processo de acordo com o esquema apresentado por Fauconnier e Turner (2002), como se vê na Figura 1.

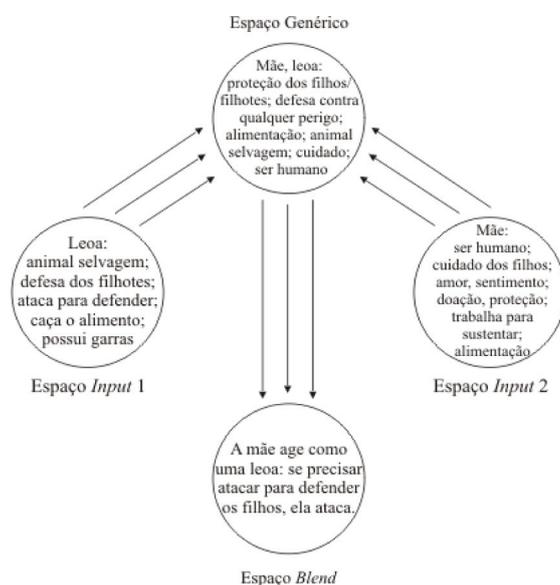


Figura 1. Exemplo do processo de Integração Conceptual

Há uma relação de correspondência entre os elementos dos *inputs*, mas que não é necessariamente uma relação metafórica ou metonímica.⁶ Esse pressuposto denota o poder explanatório da teoria, capaz de tratar diversos tipos de integrações conceptuais que ocorrem no domínio da cognição: elementos de dois ou mais espaços *input* participam da integração que resulta em novas conceptualizações. Nesse exemplo, aspectos do conceito de “leoa” são integrados ao conceito de “mãe”, realçando algumas de suas características. É interessante notar que alguns elementos do conjunto “leoa” (animal selvagem, garras, caçadora) são deixados de lado, nesse contexto específico, por um processo de desintegração (BACHE, 2005; HOUGAARD, 2005).

Um dos elementos fundamentais envolvidos na criação de novas conceptualizações é a compressão (*compression*) das possíveis relações⁷ estabelecidas entre os *inputs* em configurações mais simples no espaço *blend*, o que torna o ser humano altamente criativo e eficiente (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 92). Isso também facilita a compreensão e a percepção do mundo, pois permite ao homem relacionar eventos e experiências que, aparentemente, não têm nenhuma relação, ou que ocorrem em diferentes espaços e tempos.

Na vida conceptual diária, nós integramos oposições e comprimimos relações vitais como identidade, tempo, espaço, causa-efeito, mudança e parte-todo. A vida é variada e difusa, percorrendo grandes distâncias de tempo e espaço. Ter uma vida humana, uma mente

⁶ Nesse caso, tomam-se “metáfora” e “metonímia” não como recursos linguísticos, mas como processos cognitivos (LAKOFF e JOHNSON, 1980). No entanto, esses processos podem ser considerados mais limitados, porque envolvem o mapeamento unidirecional entre dois domínios (no caso da metáfora) ou entre elementos de um mesmo domínio (no caso da metonímia).

⁷ Fauconnier e Turner (2002) as chamam de “relações vitais”: mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel-valor, analogia, disanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade e singularidade.

humana e um sistema de construção de significados inteligíveis é fundamentalmente uma questão de comprimir continuamente tais relações vitais. (FAUCONNIER e TURNER, 2000, p. 297)⁸

Um exemplo mais complexo dos autores, que ilustra o processo de integração através da compressão das relações vitais de tempo e espaço, é o de um debate entre um filósofo contemporâneo e Kant, filósofo alemão (1724-1804). O filósofo contemporâneo, em um seminário, diz:

Eu afirmo que a razão é uma capacidade que se auto-desenvolve. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que é inata, mas eu respondo que isso ainda precisa ser provado, ao que ele se opõe, na *Crítica da Razão Pura*, que apenas ideias inatas têm poder. Mas eu digo: E a seleção de grupo neuronal? E ele não dá resposta. (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 59)⁹

Nesse caso, a integração conceptual das ideias de Kant à argumentação do filósofo moderno acerca da natureza da razão se dá pela compressão do tempo e do espaço geográfico, em que ambos se situam. Na rede de integração que se estabelece nesse caso, tem-se no *input 1* o filósofo moderno fazendo suas asserções; no *input 2*, tem-se o pensamento, a obra de Kant. Embora em nenhum dos *inputs* exista um debate, a estrutura que emerge no espaço *blend* contém as duas pessoas (o filósofo moderno e Kant) debatendo ideias (Figura 2). De forma muito interessante, mas não inexplicável, o espaço e o tempo que separam os filósofos, devido ao processo de compressão, parecem não fazer diferença, permitindo a percepção desse evento – o “debate” – naturalmente.

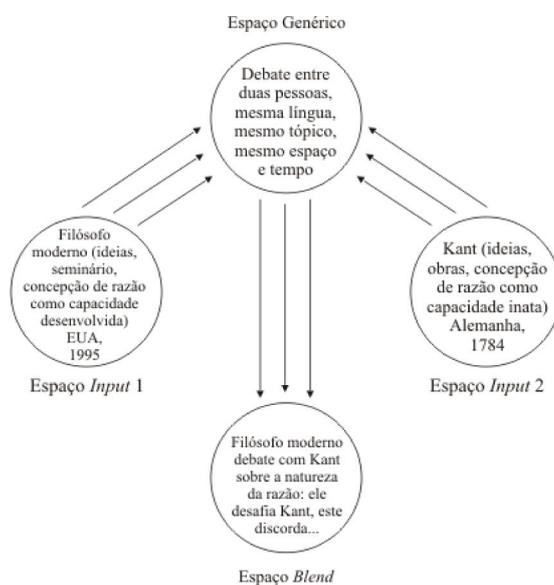


Figura 2. Exemplo de Integração Conceptual por compressão

⁸ As traduções são de minha responsabilidade. No original: “*In everyday conceptual life, we integrate clashes and compress vital relations such as identity, time, space, cause-effect, change and part-whole. Life is various and diffuse, running over large expanses of time and space. To have a human life, a human mind, and a system of constructing intelligible meanings is fundamentally a matter of continually compressing over such vital relations.*”

⁹ No original: *I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it's innate, but I answer that that's begging the question, to which he counters, in Critique of Pure Reason, that only innate ideas have power. But I say to that, What about neuronal group selection? And he gives no answer.*

É interessante observar que a língua reflete esse processo de integração, uma vez que são usados verbos no tempo presente também para se referir a Kant, como se de fato ele estivesse presente na mesma sala, no mesmo momento, com o filósofo moderno. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 114), “a Integração Conceptual é uma ferramenta de compressão *por excelência*. A projeção seletiva de diferentes espaços relacionados e a integração no *blend* provêm um processo de compressão excepcionalmente forte.”¹⁰

A integração da voz do outro: aspectos subjetivos que motivam escolhas linguísticas

O Falante, ao trazer para o seu texto a voz do outro, integra conceptualmente o que na sua percepção, dentro de objetivos específicos, é mais importante ou necessário à interação com o Ouvinte. Os verbos *dicendi* são, por excelência, verbos introdutórios de discurso. Segundo Dik (1997, p. 96), uma OP¹¹ cujo predicado é um verbo *dicendi* tem como complemento uma oração que designa um Ato de Fala, pois é fruto de uma enunciação anterior, que está sendo reportada. Com base nisso, acredita-se que alguma motivação pragmática existe para que um discurso, proferido em outro contexto, em outra situação de interação, seja retomado.

Essa construção sintática pode aparecer sob duas formas: o Discurso Direto (DD) e o Discurso Indireto (DI). É interessante observar que, embora no DD a oração subordinada tenha total independência e não tenha nenhuma marca de subordinação, ela ocupa uma posição de argumento (Objeto Direto) em relação à oração principal. Como mostra Abreu (2003, p. 136), essa construção se caracteriza pela justaposição das orações, o que não elimina a relação de subordinação entre elas. Por outro lado, no DI, o complemento é explicitamente marcado pelo subordinador que, principalmente, pode ser uma conjunção integrante ou mesmo o verbo na forma infinitiva. Segundo Dik (1997), por não possuir marcação de tempo-modo-aspecto e determinação do argumento-sujeito, a forma infinitiva (reduzida) é menos específica e mais dependente que a forma finita (desenvolvida), o que se pode observar nos exemplos abaixo:

- (01) Jobim *diz* [desconhecer proposta da Suécia] que ofereceria os *Gripen* pela metade do preço dos franceses *Rafale*. (ESP¹²)
- (02) Jobim *diz* [que desconhece proposta da Suécia...]

Além dos aspectos formais relacionados às formas desenvolvida e reduzida das orações subordinadas, como menor ou maior dependência sintática, é possível verificar aspectos motivados pela subjetividade do Falante. No exemplo (01), o emprego da oração subordinada reduzida marca, da perspectiva do autor do texto, certo distanciamento do sujeito em relação ao que diz, ao passo que em (02), reescrito a partir de (01), a forma desenvolvida reforçaria a relação, o compromisso do sujeito com o que diz.

¹⁰ No original: “*Blending is a compression tool par excellence. Selective projection from different related spaces and integration in the blend provides an exceptionally strong process of compression.*”

¹¹ Na Teoria da Gramática Funcional (DIK, 1989 e 1997), o termo usado para se referir à OP é oração matriz. Contudo, será mantida a referência a essas orações tal como aparecem nos manuais de gramática: oração principal.

¹² As referências dos exemplos aqui transcritos encontram-se em anexo. No entanto, é importante ressaltar que um maior número de textos serviu de base para a pesquisa.

Pelo DD, o autor do texto insere a voz do outro literalmente. Como dito, observa-se a justaposição das orações principal e subordinada:

- (03) A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde, menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar. [“Agora é que ele vai namorar deveras”], *disseram* quando eu comecei as lições. (DC)
- (04) Quando eu comecei as lições *disseram* [que naquela hora é que eu iria namorar (deveras).]

Em (03), exemplo de *Dom Casmurro* (DC), a inserção direta da fala da personagem confere maior expressividade à narrativa, o que se comprova ao comparar esse exemplo com sua reescrita em (04), no qual a inserção se daria pelo DI. Neste caso, a necessidade da compatibilidade entre tempo-modo-aspecto verbal da OP com a oração subordinada (*consecutio temporum*) torna a narrativa menos fluida e menos expressiva.

A escolha do verbo *dicendi*

Ao integrar em seu texto a voz do outro a partir de um verbo *dicendi*, pode-se dizer que o Enunciador tem sua primeira manifestação de subjetividade: a escolha desse verbo. Como visto anteriormente, os manuais de gramática exploram muito pouco a OP, embora ela codifique elementos importantes da situação comunicativa. Dentre os textos analisados, há uma série de reportagens acerca da compra de 36 aviões-caças pelo governo brasileiro, em que EUA, Suécia e França disputam a licitação (aberta no início de 2009 e ainda não concluída). Nestes textos, encontraram-se:

- (05) “Você só tem que ler a nota que nós distribuimos. Você vai perceber que a nota comunica que houve proposta do presidente Sarkozy para que houvesse avanço nas negociações e, por causa disso, nós decidimos recomençar as negociações. É isso. Agora, como somos um país de muita liberdade de imprensa, e sobretudo de imaginação fértil das pessoas que fazem imprensa, cada um escreveu o que quis”, *disse* [o presidente Lula]. (FSP1)
- (06) Indagado sobre o assunto, Lula responsabilizou o que chamou de “imaginação fértil” da imprensa pela confusão. “Como nós somos um país com muita liberdade de imprensa e, sobretudo, de imaginação fértil das pessoas que fazem imprensa, cada um escreveu o que quis”, *ironizou* [o presidente Lula]. (ESP2)

Esses dois exemplos, de jornais distintos, relatam o mesmo fato: a manifestação do presidente Lula acerca de um possível mal-entendido sobre a definição da escolha dos caças. Nos dois casos, tem-se a citação direta (DD), entre aspas, inserida no texto do jornalista. A organização sintática configura-se com a justaposição da OP e da oração subordinada substantiva Objetiva Direta. No exemplo (05), o jornalista insere a voz do outro com o verbo “dizer”; no exemplo (06), o verbo utilizado é “ironizar”. Segundo Gavazzi e Rodrigues (2007, p. 52), as escolhas lexicais denotam, por inferência, “a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso – a palavra passa a uma dimensão que ultrapassa os limites do dizer”. Além de comunicar a informação – a reação do presidente sobre o mal-entendido – no primeiro exemplo o jornalista busca, com o verbo “dizer”, demonstrar certa imparcialidade; no segundo exemplo, contudo, o jornalista integra sua avaliação, que é negativa, acerca da fala que traz para o seu texto. Essa avaliação é expressa pela escolha do verbo “ironizar”.

Feitas essas considerações gerais sobre diferentes aspectos – de natureza subjetiva – envolvidos no processo de subordinação substantiva (aspectos esses que se integram na

escolha do predicador da OP, na escolha de orações reduzidas ou desenvolvidas, do DD ou DI), passemos à discussão dessas construções na expressão da evidencialidade.

A expressão da evidencialidade

O conceito de evidencialidade, basicamente, corresponde à indicação da fonte do conhecimento ou das evidências que permitem ao Falante veicular determinada informação. Contudo, não é totalmente pacífico, dada a relação muito próxima que estabelece com o conceito de modalidade epistêmica, que se refere à avaliação do Falante acerca da veracidade da informação asseverada. Uma vez que ambos os conceitos se definem em relação ao conhecimento do Falante sobre algo (seja considerando-se a fonte desse conhecimento ou a avaliação de sua veracidade), torna-se natural a dificuldade em defini-los de maneira objetiva e não questionável. Nesse trabalho, cujo objetivo não é discutir a fundo essa questão, assume-se a evidencialidade como um domínio hierarquicamente superior à modalidade epistêmica, o que não significa que não haja interação entre esses domínios. De acordo com Nuyts (1993 apud DALL'AGLIO-HATTNER, 2007, p. 11), “as relações evidenciais alojam-se nas bases cognitivas da linguagem, o que significa dizer que a evidencialidade atua na origem de qualquer situação comunicativa”.

Enquanto categoria linguística, a evidencialidade é muito estudada em línguas que possuem meios gramaticais para sua expressão. O português é uma língua cuja expressão da evidencialidade é fundamentalmente lexical, embora já existam estudos que mostrem um possível sistema evidencial gramatical em desenvolvimento na língua portuguesa (CASSEB-GALVÃO, 2001; GONÇALVES, 2003).

Embora neste trabalho se considere o processo de subordinação sintática, especificamente as orações subordinadas substantivas, aborda-se a evidencialidade sob uma perspectiva mais ampla, não como uma categoria linguística codificada por essa construção, mas como um recurso comunicativo (pragmático), a partir do qual o Falante, ao expressar a fonte da sua informação, busca preservar sua face (o que demonstra um menor comprometimento com a informação) ou garantir a confiabilidade da informação que veicula (o que indica um maior comprometimento). Sendo assim, a construção sintática em questão é um dos meios de que o falante dispõe para a expressão da evidencialidade enquanto um recurso comunicativo. Sob a perspectiva do ensino da sintaxe, essa é uma funcionalidade que deveria ser explorada ao se trabalhar com o processo de subordinação substantiva. Na próxima seção, procura-se dar alguns exemplos de como construções sintáticas com orações subordinadas substantivas, com diferentes tipos de predicadores, expressam diferentes intenções comunicativas relacionadas à evidencialidade.

Os tipos de evidencialidade e as orações subordinadas substantivas

Com base nos estudos de Willet (1988), Botne (1997) e Dall'Aglio-Hattner (2001), Vendrame (2005) propõe a organização dos diferentes tipos de evidencialidade considerando o tipo de fonte e o modo de obtenção da informação:

Quadro 1. Tipos de evidencialidade (adaptado de Vendrame, 2005)

FONTE	Evidencialidade		
	Falante		Outro
MODO	Atestada	Inferida	Relatada fonte definida fonte indefinida domínio comum

Como se observa no quadro, o Falante pode ser ele mesmo a fonte de uma informação, tendo a adquirido diretamente, como testemunha, ou indiretamente, a partir da observação ou conhecimento de elementos que o permitam raciocinar, concluir e asseverar algo. Também a fonte de uma informação pode ser o Outro, e nesse caso o Falante a adquire por meio de relatos, estórias ou mitos (cuja origem é definida, indefinida ou de domínio comum).

Observando-se nos textos analisados as ocorrências das orações subordinadas, é possível associar, à evidencialidade atestada, verbos de percepção (exemplos 07, 08), à evidencialidade inferida, verbos de atividade mental (exemplos 09, 10) e, à evidencialidade relatada, tanto verbos de atividade mental como os verbos *dicendi* (exemplos 11, 12, 13, 14, 15, 16).

- (07) Stephen Forse afirmou que já havia usado algumas fatias do pão quando notou “um objeto escuro, preso no canto de três ou quatro fatias”. “Inicialmente achei que a massa do pão não havia sido bem misturada antes de ele ser assado.” “Mas quando olhei de perto, *vi* [que havia pelos na mancha].” (FSP2)
- (08) “Nesse momento eu saía do turno, estava a alguns metros da boca da mina quando senti a explosão e *senti* [que ela me elevou]”, disse Walter Restrepo, de 31 anos, em um hospital onde está sendo atendido pelas queimaduras que sofreu em cerca de 30% de seu corpo. (ESP3)
- (09) Nos encontramos na reunião do Haiti, e era tudo elogios e mais elogios da parte dos EUA para nós. *Acho* [que as relações estão totalmente preservadas]. (FSP3)
- (10) Particularmente, *acreditamos* [que o trabalho filológico representa uma importante ferramenta / que, certamente, pode e deve auxiliar a leitura do *Curso*.] mas não *acreditamos* [que ele venha mostrar um outro Saussure oposto ao Saussure do *Curso*.] (AC-H)
- (11) Já o consultor Carlos Monteiro *pensa* [que a padronização vai minar a concorrência de mercado]. “Se os nomes, currículos e laboratórios forem iguais, qual será o diferencial de um curso para o outro?”, questiona. (ESP4)
- (12) Informações extraoficiais indicam que a certificadora contratada pela ANP estimou o valor do barril entre US\$ 10 e US\$ 12, o que faria a capitalização do Tesouro na Petrobrás girar entre US\$ 50 bilhões e US\$ 60 bilhões. Fontes do setor *dizem* [que a consultoria da Petrobras apontou um valor entre US\$ 6 e US\$ 8]. (ESP5)
- (13) *Acredita-se* [que cerca de 11% das doenças relacionadas à salmonela em crianças derivam do contato com hamsters, lagartos, tartarugas e outros répteis.] (FSP4)
- (14) Assim como sofre pressões da sociedade para moralizar seus costumes, o Congresso também tem sido criticado por não tomar providências contra o rito das MPs, editadas pelo governo federal. *Afirma-se* [que o Legislativo silencia para favorecer os interesses do Palácio do Planalto]. (ESP6)

- (15) “Todo mundo *sabe* [que uma das exigências do Brasil é / ter acesso à tecnologia]”, afirmou Lula. (ESP7)
- (16) O ninho, aliás, merece um capítulo à parte. Trata-se de um delicado emaranhado de fios construídos pelo pássaro com sua própria saliva (100 g podem custar até US\$ 1.000, cerca de R\$ 1.800). Quase sem sabor, é cobiçado graças à crença de que faz bem à saúde. “*Dizem* [que quem come ninho diariamente vive mais e melhor]”, diz Liu. (FSP5)

Como se observa pelos exemplos – selecionados de acordo com o predador da OP – a construção mais frequente foi OP + oração subordinada substantiva objetiva direta. Apenas nos exemplos (13) e (14) tem-se OP + oração subordinada substantiva subjetiva; nesse caso, a motivação para essa construção se deve à indefinição da fonte e, conseqüentemente, ao uso do verbo na voz passiva (visto que não há um agente). O próprio uso da voz passiva é, por si só, uma estratégia de preservação da face uma vez que apaga o agente (ainda que esse seja conhecido).

Em (07) e (08), o Falante se apresenta como testemunha do fato que relata, assumindo total responsabilidade pela informação. Os exemplos (09) e (10) mostram que a informação asseverada é fruto da atividade mental do Falante: no primeiro caso, é uma inferência feita com base nos elogios recebidos pelo Brasil dos EUA; no segundo caso, é uma crença/opinião do Falante, reforçada pelo advérbio “particularmente”. Por se tratar de um artigo científico, ao atenuar a informação asseverada, o autor procura preservar sua face não colocando suas ideias de maneira autoritária, mas abertas a possíveis questionamentos.

Referindo-se à evidencialidade relatada, os exemplos seguintes denotam o Outro como a fonte da informação, seja ela definida (11) e (12), indefinida (13) e (14) ou atribuída a um conhecimento compartilhado, de domínio comum (15) e (16). Nesses exemplos, ao integrar em seu texto a “voz” do Outro, o Falante busca garantir a confiabilidade da informação e, ao mesmo tempo, eximir-se – ainda que não totalmente – da responsabilidade pela afirmação.

Apesar de a presente pesquisa não ter caráter quantitativo, foi observado, como dito, uma grande frequência das orações subordinadas substantivas objetivas diretas, seguidas das subjetivas. Isso não significa, certamente, que outras construções subordinadas substantivas, com outros tipos de OP, não sejam usadas na expressão da evidencialidade. Também foram encontradas, nos textos,

a. subjetivas predicadas pelo verbo “parecer”:

- (17) Quando procuraram pelos despachantes, porém, segundo o procurador Jefferson Aparecido Dias (Direitos do Cidadão), eles conseguiram realizar o agendamento “para uma semana”. “Não deveria existir, em tese, duas portas de entrada: uma para despachantes e outras para pessoas comuns. Infelizmente, *parece* [que existe uma certa diferença]”, complementou o procurador.] (FSP)

b. subjetivas encaixadas na construção “ser + adjetivo”:

- (18) *Ficou* também *evidente* [que as enfermeiras consideram a necessidade de empreender grandes esforços para assistir os pacientes da UTI, compensada pelo contato direto com os mesmos que da a “sensação de ser útil”, “de estar cumprindo o dever assumido com os mais fracos e dependentes”].

c. completivas nominais:

- (19) A maior parte dos especialistas tem *certeza de* [que, bem empregada, a tecnologia é uma importante aliada da educação.]

Esses dados, porém, ainda estão sendo analisados.

A expressão da evidencialidade é uma marca da subjetividade do Falante. Na língua portuguesa, que não tem a expressão da fonte da informação como característica obrigatória, sua manifestação se revela como uma estratégia discursiva altamente produtiva na interação entre Falante e Ouvinte. Ao indicar a fonte da informação daquilo que assevera, o Falante gerencia a informação revelando um maior ou menor grau de comprometimento seu com aquilo que diz. Como visto, a sintaxe das orações subordinadas substantivas é um dos recursos linguísticos pelos quais o Falante utiliza essa estratégia.¹³

Considerações finais

O estudo da sintaxe, sob uma perspectiva funcionalista-cognitivista, vai além dos limites da oração. A partir do processo de subordinação substantiva, discutido neste artigo, é possível trabalhar com aspectos pragmáticos da comunicação – como a expressão da evidencialidade –, o que não consta nos manuais que servem de base para o ensino.

As orações subordinadas substantivas predicadas por verbos de percepção, verbos de atividade mental e verbos *dicendi* refletem o mecanismo cognitivo de integração conceptual que está por trás da expressão da evidencialidade: de uma perspectiva cognitiva, o Falante seleciona e integra elementos do contexto que são importantes para a situação de interação com o Ouvinte, em termos de um maior ou menor comprometimento com o que diz (maior ou menor evidencialidade).

Do ponto de vista pragmático, a sintaxe pode ser considerada uma importante ferramenta que possibilita o desenvolvimento efetivo das habilidades linguístico-comunicativas dos alunos, podendo fazê-los refletir sobre as intenções e necessidades do Falante, sobre como este percebe e interage com o mundo, integrando opiniões, conceitos e ideias. Ao trabalhar com os diversos aspectos da comunicação codificados nas construções linguísticas, questões como transitividade verbal (do verbo da OP) e funções sintáticas (das orações subordinadas) – que são o foco nos manuais de gramática – passam a ser secundárias (o que não significa que devem ser excluídas) e o aluno tem a oportunidade de observar o real funcionamento da língua. Acredita-se, assim, que é dessa maneira que suas habilidades de produção e compreensão de textos (orais ou escritos) serão, de fato, desenvolvidas e/ou melhoradas. No trabalho em sala de aula, tanto textos literários como textos disponíveis na mídia constituem uma rica fonte de análise das funções pragmáticas das orações subordinadas (e qualquer outro tópico gramatical).

Este texto não traz inovações em relação aos conceitos teóricos de evidencialidade e de integração conceptual, mas acredita-se ter contribuído para a aplicação deles ao ensino da sintaxe, atendendo a uma necessidade muito evidente no contexto didático-pedagógico: como ensinar gramática de uma maneira diferente do que se apresenta nos manuais de gramática e já por tanto tempo consolidada nas aulas de língua portuguesa.

¹³ Outros elementos da língua podem expressar a evidencialidade, tais como: “*Segundo fulano...*”, “*Na minha opinião...*”, “*Evidentemente...*”. Contudo, não estão no escopo desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. S. *Gramática mínima*. Para o domínio do português padrão. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 356 p.
- BACHE, C. Constraining conceptual integration theory: Levels of blending and disintegration. *Journal of Pragmatics*, v. 37, 2005. Disponível em: < http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6VCW-4G7DY5P-2&_user=972052&_coverDate=10%2F31%2F2005&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=search&_origin=search&_sort=d&_docanchor=&view=c&_searchStrId=1489376004&_rerunOrigin=scholar.google&_acct=C000049647&_version=1&_urlVersion=0&_userid=972052&md5=623a02d7ac0df89f28202943e620f873&searchtype=a>. Acesso em: set. 2010.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.
- BOTNE, R. Evidentiality and epistemic modality in Lega. *Studies in Language*, v. 2, n. 3, p. 509-532, 1997.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 2001. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 30. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988. 556 p.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004. 567 p.
- CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 762 p.
- DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. Evidencialidade e modalidade: forma e função. (Relatório de pesquisa). São Paulo: FAPESP, 2001.
- _____. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Orgs). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe*. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2007. p. 103-145.
- DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The structure of the clause. Dordrecht – Holland/Providence RI – USA: Foris Publications, 1989.
- _____. *The Theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. Berlin: Ed. By Kees Hengeveld, New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GAVAZZI, S.; RODRIGUES, T. M. Verbos *dicendi* na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.) *Texto e Discurso*. Mídia, Literatura e Ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 51-61.
- GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- HOUGAARD, A. Conceptual disintegration and blending in interactional sequences: A discussion of new phenomena, processes vs. products, and me-

thodology. *Journal of Pragmatics*, v. 37, 2005. Disponível em: < http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6VCW-4G7G4N4-1&_user=972052&_coverDate=10%2F31%2F2005&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=search&_origin=search&_sort=d&_docanchor=&view=c&_searchStrId=1489403519&_rerunOrigin=google&_acct=C000049647&_version=1&_urlVersion=0&_userid=972052&md5=37983bf29cbe645024361be02f72c2af&searchtype=a >. Acesso em: set. 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Press, 1980.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 553 p.

FAUCONNIER, G. TURNER, M. Compression and global insight. *Cognitive Linguistics*, v. 11, n. 3-4, p. 283-304, 2000. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=1419544>>. Acesso em: mar, 2010.

_____. *The way we think*. Conceptual Blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

SPERANÇA, A. C. *Incompletudes da abordagem tradicional e suas implicações no ensino/aprendizagem da língua: um recorte sobre as relações de coordenação e subordinação nos períodos compostos*. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

VENDRAME, V. *A evidencialidade em construções complexas*. 2005. 115f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v.12, p. 51-97, 1988.

ANEXO

Referências dos exemplos

ESP1: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090919/not_imp437653,0.php> Acesso em: 19. set. 2009.

ESP2: <http://www.estadao.com.br/geral/not_ger436180,0.htm> Acesso em: 16 set. 2009.

ESP3: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,explosao-mata-pelo-menos-18-em-mina-de-carvao-na-colombia,567987,0.htm>> Acesso em: 17 jun. 2010.

ESP4: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100922/not_imp613349,0.php> Acesso em: 22 set. 2010.

ESP5: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100820/not_imp597623,0.php> Acesso em: 20 ago. 2010.

ESP6: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,nova-tramitacao-de-mps-movimenta-camara,342941,0.htm>> Acesso em: 22 mar. 2009.

ESP7: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090917/not_imp436272,0.php> Acesso em: 17 et. 2009.

FSP1: <<http://www.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u624870.shtml>> Acesso em: 16 set. 2009.

FSP2: <<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/805708-empresa-e-multada-apos-britanico-encontrar-rato-morto-em-pao.shtml>> Acesso em: 28 set. 2010.

FSP3: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/804033-eua-querem-manter-controle-sobre-ira-diz-amorim.shtml>> Acesso em: 24 set. 2010.

FSP4: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u454290.shtml>> Acesso em: 09 out. 2008.

FSP5: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/comida/ult10005u368510.shtml>> Acesso em: 31 jan. 2008.

AC-H1 (Artigo Científico – Humanas): CRUZ, M. A. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. *ALFA*, São Paulo, v. 53, n. 1. p. 107-126, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1680>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

DC: ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1899. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2009.